

entrar na agenda política, avalia Valente

Perfil



FOTOS: THAYNA WEISSBACH/JC

Pedro Valente é natural de Porto Alegre. É geógrafo climatologista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Participa do Centro Polar e Climático da Ufrgs como pesquisador e de uma parceria público-privada do CNPq com a BAT em um projeto de predição de

safora para agricultura familiar. Estuda as conexões trópico-polo (climatologia polar e subtropical) e seus impactos no Hemisfério Sul. É especializado em eventos extremos de precipitação, trabalha com a climatologia histórica do século XX no Rio Grande do Sul e Sudeste da América do Sul.

extremos. Em 2024, a enchente está ocorrendo no mesmo período do ano que em 1941. O que preocupa hoje é que até o próprio padrão de comportamento da chuva e da temperatura nos períodos de El Niño e La Niña está se modificando. Ainda existe aquela máxima de que o El Niño traz chuva e temperaturas maiores e que o La Niña traz estiagem e temperaturas menores. Mas o intervalo entre episódios, chamado de período neutro, está diminuindo. Especialmente nos últimos 10 anos, estamos quase constantemente sob a ação de um desses fenômenos. De 2020 até o início de 2023, nós enfrentamos um período de La Niña e, dois ou três meses depois, começou a atuar o El Niño em que estamos.

JC - Característica das mudanças climáticas...

Valente - O difícil de trabalhar com mudanças climáticas hoje é que elas mudam a regra no meio do jogo. Então, padrões que a gente conhece podem se alterar numa velocidade maior

do que a gente está esperando. O relatório do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) de 2021 já indicava que o sudeste da América do Sul, que engloba a região Sul como um todo, ia ficar mais chuvoso. Segundo o relatório, os episódios extremos ocorreriam a partir de 2030, mais ou menos. No entanto, já temos esses cenários apontados acontecendo em 2023 e agora em 2024. Então, essa mudança, na intensidade e na frequência dos eventos, veio muito antes do que se esperava.

JC - A situação que estamos enfrentando era algum dos cenários apontados?

Valente - Sim, era o cenário mais provável. Só que a gente esperava esse cenário um pouco mais para o fim da década, e não para o início.

JC - Ainda mais com chuva em excesso, nesse sentido?

Valente - Isso. Até porque, historicamente, sempre teve enchentes. Muito se fala de 1941, mas (a bacia hidrográfica que banha Porto Alegre) teve muitas

pior que as duas primeiras. De novo esse mesmo cenário. Então, econômica, geográfica, social e culturalmente, precisamos construir. Precisamos pensar e reavaliar se as regiões atingidas pelas enchentes ainda são o melhor espaço de construção, ou se podem ser modificadas, transplantadas e reorganizadas em outros lugares. Se não for possível, investir em maneiras de conter enchentes, hoje existem várias bombas, diques e todo um aparato. A Defesa Civil, nos níveis municipal, governamental e nacional, precisa de mais técnicos, de mais cientistas e de mais gente engajada. Precisa de maquinário, de pessoal técnico e de divulgação. A Defesa Civil tem hoje sistemas de alerta que já funcionam super bem, mas ainda são pouco divulgados ou não tão conhecidos. Uma Defesa Civil forte demanda algo muito maior do que um plano de mandato de quatro anos, tem que ser uma coisa interligada e uma preocupação constante de todo mundo, a nível municipal, estadual e nacional.

JC - O sistema de contenção das enchentes aqui em Porto Alegre não funcionou, ao menos não a pleno. Faltou manutenção e faltou que se adequasse às novas condições. Como se constrói um sistema, pensando que não se pode ter nem muita certeza do que prever, porque as mudanças, como observou, vão acontecendo no meio do caminho?

Valente - Bom, a maneira que eu vejo isso é ampliar o corpo técnico-científico desses órgãos. Não só climatologistas, mas também meteorologistas, hidrólogos, engenheiros ambientais e biólogos. Sociólogos também, porque, quando a água baixar, vai ser tão duro quanto o que a gente já está vendo. A enchente não acaba quando a água baixa. Depois dela, existe a necessidade de limpeza das casas e o medo das pessoas de voltarem e passarem por isso de novo. Existem várias camadas, escalas e dimensões nesse problema. Então, esses sistemas que já existem precisam ser reconstruídos ou replanejados, com base no novo conhecimento que já se tem. Muitos desses sistemas são de 20 ou 30 anos atrás, ou até anteriores. Daqui a pouco existe um material mais resistente ou um investimento em radares e

sistemas de previsão do tempo. O pessoal que opera na Defesa Civil hoje faz um bom trabalho, mas ainda é um corpo muito pequeno, que precisa ser mais técnico e mais científico. Precisa haver um diálogo maior e cada vez mais fortalecido entre Defesa Civil e academia. Existem maneiras de se conciliar e a que eu vejo hoje é justamente dando espaço para pesquisas e para bolsas de incentivo das pessoas que estudam mudanças climáticas. O cientista brasileiro é muito bom, e a prova disso é que somos bastante valorizados lá fora. Fazemos muito com o que temos no Brasil hoje. Se a gente tivesse esse corpo fortalecido, com vagas para essas pessoas poderem atuar em órgãos públicos, seria crucial para mitigar os efeitos das enchentes.

JC - Vê condição para que isso aconteça no campo político e econômico do País?

Valente - Existem muitos políticos hoje que estão adotando a pauta das mudanças climáticas justamente porque isso está deixando de ser uma opção. Estamos cada vez mais expostos a enchentes e estiagens. A estiagem afeta a agricultura e também a cidade, só que ela é diferente da enchente porque é silenciosa e lenta. Daqui a pouco vai deixar de ser uma opção não trabalhar com mudanças climáticas. Da mesma forma que hoje em dia sempre se fala em educação, saúde e segurança como as três pautas clássicas da política, acredito que a mudança climática tem que ser uma quarta pauta. Para mim, ela está no mesmo nível e precisa dos mesmos investimentos.

JC - Veremos essas três e várias outras pautas afetadas se a questão climática não for atendida...

Valente - Exatamente, tudo está sendo influenciado. Todos nós estamos expostos ao que acontece. Isso independe de classe social, todo mundo é afetado. Claro, algumas pessoas, nós sabemos, são muito mais afetadas que outras. Quem mais está sendo afetado é quem não tem as melhores condições e vive em regiões mais expostas aos eventos climáticos. Mas todo mundo contribui para a economia de alguma maneira. Portanto, se um setor para, a economia vai parar e as coisas vão colapsar.